26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

"O QUE ACONTECERÁ COM OS LEITORES QUE FOMOS?": MARYANNE WOLF E A LEITURA CONTEMPORÂNEA

"WHAT WILL HAPPEN TO THE READERS WE ONCE WERE?": *MARYANNE WOLF AND CONTEMPORARY READING*

Lidia Eugenia Cavalcante – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo discute o impacto da cultura digital no cérebro leitor a partir das contribuições de Maryanne Wolf sobre essa temática. Diante da sobrecarga informacional e da abundância de conteúdos em ambientes digitais, investigam-se as transformações que favorecem uma leitura fragmentada e superficial, comprometendo capacidades cognitivas como atenção sustentada, concentração e leitura profunda. O referencial teórico articula contribuições de autorias contemporâneas como Maryanne Wolf e Nicholas Carr, especialmente no que se refere aos efeitos da neuroplasticidade e aos limites do processamento cognitivo diante do uso intensivo de tecnologias digitais. Essa discussão é relacionada ao conceito de *fadiga leitora*, ainda em consolidação no campo dos estudos da leitura e da Ciência da Informação. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada em síntese temática interpretativa da obra *O cérebro no mundo digital* (2019), de Maryanne Wolf. Conclui-se que o ecossistema digital impõe um maior custo cognitivo à leitura de textos densos e favorece a dispersão atencional, o que pode reduzir a competência crítica dos leitores. Entretanto, Wolf destaca a necessidade de coexistência entre práticas de leitura próprias do ambiente digital, e o desenvolvimento da leitura profunda, fundamental para a formação do pensamento crítico.
Palavras-chave: cérebro leitor; Maryanne Wolf; fadiga leitora; cultura digital.

Abstract: This study discusses the impact of digital culture on the reading brain based on Maryanne Wolf's contributions to the field. Given the information overload and abundance of content in digital environments, it investigates the transformations that foster fragmented and superficial reading, compromising cognitive abilities such as sustained attention, concentration, and deep reading. The theoretical framework articulates contributions from contemporary authors like Maryanne Wolf and Nicholas Carr, particularly regarding the effects of neuroplasticity and the limits of cognitive processing amid the intensive use of digital technologies. This discussion is linked to the concept of "reading fatigue," a notion still

consolidating within reading studies and Information Science. Methodologically, this is a bibliographic research based on an interpretive thematic synthesis of Maryanne Wolf's book *Reader, Come Home: The Reading Brain in a Digital World* (2019). The study concludes that the digital ecosystem imposes a higher cognitive cost on reading dense texts and favors attentional dispersion, which may diminish readers' critical competence. However, Wolf highlights the need for coexistence between digital reading practices and the development of deep reading, which remains fundamental to the cultivation of critical thinking.
Keywords: reading brain; Maryanne Wolf; reading fatigue; digital culture.

1 INTRODUÇÃO

A provocação que inspira o título deste texto, “O que acontecerá com os leitores que fomos?”, nos remete a uma das cartas de Maryanne Wolf, publicada em seu livro *O cérebro no mundo digital* (2019). Estruturada em formato epistolar, a obra reúne reflexões sobre o cérebro leitor imerso em um contexto cada vez mais marcado pelas tecnologias digitais e pelas novas formas de interação com textos e linguagens.

É nesse cenário de complexidade e transformações das práticas de leitura que se situa uma pesquisa ora em desenvolvimento, voltada para a compreensão do que intitulamos *fadiga leitora*, fenômeno cada vez mais perceptível entre estudantes universitários e frequentemente observado por docentes nos contextos da graduação e da pós-graduação, mesmo que de forma empírica.

Frente às dinâmicas que envolvem a investigação sobre a leitura e seus sujeitos na teia do universo digital, propõe-se aqui discutir uma temática cuja delimitação teórica ainda está em construção: *a fadiga leitora no público jovem*. Diante da plasticidade cerebral, a ocorrência desse fenômeno poderia parecer contraditória; entretanto, a fadiga não deve ser compreendida como evidência de falha adaptativa do cérebro, mas sim como uma experiência resultante da interação entre as exigências cognitivas da leitura, os contextos sociotécnicos e os limites atencionais dos sujeitos em ambientes informacionais cada vez mais saturados. Afasta-se, portanto, de uma visão determinista acerca do potencial cognitivo, uma vez que as tecnologias digitais promovem novas práticas leitoras cujos efeitos sobre a atenção, a compreensão e o cansaço merecem ser investigados.

Ademais, cabe sublinhar a distinção entre *adaptação* e *capacidade ilimitada*. Tomando como exemplo um atleta, este adapta seu corpo a longas maratonas, mas ainda assim experimenta fadiga após um esforço físico intenso; por outro lado, se deixar de treinar, certamente tenderá a perder as habilidades conquistadas. Da mesma forma, o cérebro, embora

altamente maleável, permanece sujeito a limites atencionais, sobrecarga cognitiva e esgotamento mental. Desse modo, a falta de estímulos e de leitura profunda pode fazer com que ele diminua sua aptidão para produzir novos circuitos neurais. Em cenários marcados pela fragmentação textual e pelo excesso de dados, a manutenção da atenção prolongada exigida por textos densos passa a demandar maior esforço, favorecendo o cansaço, a dificuldade de concentração e a consequente redução do envolvimento com o ato de ler.

Dentre os questionamentos e provocações que essa temática apresenta, os estudos propostos por Wolf (2019, p. 5) auxiliam na compreensão de que "as implicações da plasticidade de nossos cérebros não são nem simples nem transitórias. As conexões entre como e o que lemos e o que está escrito têm importância crucial para a sociedade hoje." Para dialogar com o público, a autora apoia-se em suas próprias experiências leitoras, inspirando-se, por exemplo, nas reflexões de Proust (2003) sobre o milagre fecundo de uma comunicação, presente na obra *Sobre leitura*, e no gênero epistolar de *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke (2006).

Nessa perspectiva, o que se propõe neste estudo, portanto, é vislumbrar possibilidades de se compreender a *fadiga leitora* sob a ótica de Maryanne Wolf, de modo a evidenciar as implicações *cognitivas*, *fisiológicas*, *afetivas* e *informacionais* desse fenômeno na vida dos jovens leitores. O arcabouço literário da autora constitui-se como base para contextualizar teoricamente esta pesquisa a partir da perspectiva da neurociência cognitiva. Metodologicamente, trata-se de um estudo bibliográfico de viés teórico-conceitual, cujo foco reside na interpretação, na análise conceitual e na densidade argumentativa, mais especificamente a partir da leitura da obra *O cérebro no mundo digital* (Wolf, 2019).

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico para o desenvolvimento deste estudo foi realizado, inicialmente, mediante pesquisa bibliográfica, estruturada em duas etapas: a primeira consistiu no levantamento bibliográfico a partir de temas centrais para compreensão do fenômeno e posterior construção do conceito de *fadiga leitora*. Dentre os temas mais pertinentes e pesquisados, destacam-se leitura (em sua forma ampla e conceitual), cultura digital, sobrecarga informacional e transformações cognitivas associadas aos ambientes digitais. Referente ao arcabouço bibliográfico selecionado, chegamos à segunda etapa do estudo que foi a síntese temática e interpretativa de caráter narrativo da obra *O cérebro no mundo digital* (título original:

Reader, Come Home: The Reading Brain in a Digital World), de Maryanne Wolf, publicada originalmente em 2018 e com tradução para a língua portuguesa em 2019.

A pesquisa bibliográfica teve como objetivo situar a discussão no campo dos estudos da leitura e da formação leitora sob a ótica da Ciência da Informação, permitindo identificar conceitos, abordagens e debates relacionados às práticas leitoras contemporâneas, bem como sua aderência e sincronismo com o universo digital e o cérebro leitor. Neste estudo, foram consultados textos bibliográficos diversos, disponíveis em bibliotecas e em bases de dados nacionais e internacionais. Salienta-se, portanto, a ideia de que a revisão da literatura não é uma mera acumulação de referências, mas uma construção progressiva de um problema de pesquisa, articulando conceitos e perspectivas teóricas (Quivy; Van Campenhoudt, 2011).

A síntese temática e interpretativa da obra *O cérebro no mundo digital* (Wolf, 2019) constitui o foco do estudo para a compreensão das mudanças nas práticas de leitura na contemporaneidade digital abordada neste texto. A escolha por esse procedimento justifica-se por sua capacidade de promover uma análise crítica e reflexiva, privilegiando a articulação de argumentos, conceitos e problematizações desenvolvidos pela autora, sem a pretensão de exaustividade das revisões sistemáticas. Essa abordagem consiste em identificar, reunir, sistematizar e integrar as ideias da obra, produzindo uma compreensão aprofundada que possibilitou aproximações teórico-conceituais entre as teses de Wolf e a pesquisa por nós realizada no campo da Ciência da Informação.

Entendendo que cada etapa é uma experiência singular para o pesquisador e para os resultados da pesquisa, este estudo adota uma abordagem interpretativa inspirada nos princípios da pesquisa em Ciências Sociais propostos por Quivy e Van Campenhoudt (2011) e nos procedimentos de análise indicados por Paillé e Mucchielli (2021).

A análise concentrou-se nos principais eixos temáticos presentes na obra estudada, os quais Wolf (2019) nomeia como "cartas" - ao todo, nove -, especialmente aqueles relacionados à leitura profunda, à plasticidade cerebral, aos impactos da leitura digital sobre a atenção, à formação do cérebro leitor e aos desafios impostos pela cultura digital às práticas de leitura. Esses eixos foram identificados, descritos e articulados com contribuições da literatura especializada, permitindo estabelecer diálogos e aproximações com o conceito de *fadiga leitora*, no qual se pretende aprofundar em estudos posteriores.

A síntese bibliográfica realizada não teve como propósito o mapeamento exaustivo da produção científica sobre o tema, mas compreender e discutir criticamente as contribuições de

Maryanne Wolf acerca das transformações da leitura na contemporaneidade no cérebro leitor. A escolha analítica justifica-se pela originalidade da autora em conectar a neuroplasticidade às práticas leitoras digitais. Assim, a partir desse recorte teórico, buscou-se evidenciar os efeitos dessas mudanças no leitor, fornecendo subsídios para a compreensão do fenômeno da fadiga leitora em contextos acadêmicos.

3 MARYANNE WOLF E OS DESAFIOS DA LEITURA PARA UM LEITOR CONECTADO

Maryanne Wolf é psicóloga e neurocientista norte-americana, docente e pesquisadora cujas investigações nos campos da neurociência, do desenvolvimento da linguagem, do letramento, da dislexia e dos impactos das tecnologias no cérebro humano e no desenvolvimento leitor têm contribuído de forma significativa para o avanço desse campo.

No âmbito acadêmico, Wolf desenvolve papel de grande representatividade enquanto diretora do *Center for Dyslexia, Diverse Learners, and Social Justice* na *UCLA Graduate School of Education and Information Studies* (Universidade da Califórnia). Ela consolidou grande parte de sua carreira na Universidade Tufts, onde foi titular da cátedra *John DiBiaggio of Citizenship and Public Service* e diretora do *Center for Reading and Language Research* no *Eliot-Pearson Department of Child Study and Human Development*.

Wolf é internacionalmente reconhecida por sua tese de que a leitura não é uma habilidade inata ao ser humano e que o ato de ler é uma construção cultural. Suas contribuições teóricas e sociais têm sido fundamentais para o desenvolvimento de novos métodos de alfabetização, para a formação leitora nas diferentes fases da infância e para o suporte a pessoas com dislexia.

Entre suas obras de maior destaque, traduzidas para a língua portuguesa, estão *O Cérebro Leitor* (2024) e *O Cérebro no Mundo Digital: os desafios da leitura na nossa era* (2019). Nesses trabalhos, Wolf investiga, entre outras questões, os riscos contemporâneos que o consumo excessivo de telas e a leitura superficial na internet impõem à capacidade humana de processamento crítico, foco e empatia. Entretanto, ao destacar os riscos da superficialidade das leituras proporcionadas pelos recursos digitais para a leitura profunda, ela defende que essa convivência é necessária (bilinguismo da leitura) propondo que a formação das crianças leve em

consideração os dois tipos de leitura para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento como propõe Vigotsky (2016).

A obra *O Cérebro no Mundo Digital: os desafios da leitura na nossa era* está estruturada em nove cartas. Para o gênero da escrita, Maryanne Wolf (2019) busca inspiração em *Cartas a um jovem poeta*, obra publicada originalmente em 1929, de Rainer Maria Rilke, como ela mesma esclarece. A escolha por esse formato literário justifica-se pelo seu caráter inerentemente comunicativo e dialógico, um meio de expressão que privilegia a proximidade com o interlocutor, procurando demonstrar certa intimidade.

Para Wolf, o estilo epistolar estimula uma relação de alteridade e transformação recíproca entre escritor e público. As cartas criam o cenário ideal para que o leitor exercite a reflexão crítica, construa ativamente seu próprio pensamento e compreenda o impacto dessas dinâmicas em suas interações sociais. Essa sistemática se alinha diretamente às premissas discutidas por Cavalcante (2020), para quem a mediação da leitura e a alteridade são pilares fundamentais no processo de educação literária e formação leitora, fomentando uma escuta sensível do texto por meio da qual a pessoa leitora se reconheça.

Wolf (2019), além de se inspirar em diferentes autores e gêneros literários, destaca as suas experiências leitoras e de pesquisas realizadas em diferentes lugares pelo mundo, como nos Estados Unidos, na África e na Ásia. De acordo com Limberger (2020, p. 1), “As cartas mesclam dimensões autobiográficas, autocríticas, literárias e científicas, resultando em textos repletos de referências neurocientíficas e literárias” nas quais Wolf destaca a qualidade criativa que existe no ato da leitura, demonstrada profundamente em seus escritos.

Para Wolf (2024, p. 7), “Se não compreendermos as significativas contribuições e as necessidades de um cérebro que realiza leituras profundas, podemos perdê-lo – algo que trará consequências para todos os membros de uma sociedade democrática.” A autora destaca, outrossim, que a mera quantidade de tempo dedicado à leitura é secundária se comparada à qualidade desse processo, dado que “O requisito mais importante é o papel crítico que o tempo desempenha na forma como o cérebro leitor processa a informação, ao transformá-la em conhecimento cumulativo, e na utilização desse conhecimento como base para o discernimento e a reflexão” (Wolf, 2024, p. 7).

A qualidade das experiências leitoras tende a se deteriorar quando as exigências da cultura digital, a sobrecarga informacional e a abundância de conteúdos levam a um processamento superficial, fragmentado e comprimido. É preciso compreender que o cérebro

leitor necessita de tempo para pensar, relacionar, imaginar e interpretar o que é lido, justificando-se a estrita relação entre tempo, atenção e profundidade no ato de ler (Wolf, 2019). Complementando essa premissa, a autora adverte que a aceleração temporal no ambiente digital impossibilita o sujeito de processar e consolidar experiências, passando de um evento a outro (Wolf, 2024).

Nicholas Carr, já em 2011, alertava para os riscos ao cérebro leitor ocasionados pelas leituras fragmentadas. O autor argumenta que, ao alterar a estrutura neurológica humana, o ecossistema digital pode reduzir a capacidade de concentração, atenção e contemplação, faculdades necessárias à leitura profunda. Desse modo, a exposição contínua a estímulos dinâmicos e informações dispersas tende a favorecer o pensamento superficial (Carr, 2011).

A leitura, em toda a sua complexidade, especialmente evidenciada pela cultura digital, tem encontrado nos estudos de autoras como Maryanne Wolf e de pesquisadores como Nicholas Carr um importante campo de reflexão para compreender um fenômeno que, embora não seja novo, ganha novas configurações: a relação entre os suportes, as práticas de leitura e suas implicações para o cérebro leitor. Esse debate, de natureza contínua, encontra raízes em estudos clássicos sobre a leitura e suas práticas, que contribuíram para consolidar as bases desse campo de investigação. Em seus escritos, Wolf evidencia que a dimensão científica da leitura não se dissocia de sua dimensão estética e afetiva. Ao recorrer às suas próprias experiências leitoras e evocar autores como Maquiavel, Shakespeare, Jane Austen, Hemingway, Italo Calvino e Lucia Berlin, entre tantos outros, demonstra como a literatura participa da formação do leitor e amplia sua experiência de leitura. A premissa de que “há tanto poesia quanto ciência no âmago da leitura” (WOLF, 2019, p. 72) sintetiza essa perspectiva: é justamente no encontro entre esses dois universos — ciência e literatura, razão e sensibilidade — que a leitura pode ser compreendida em toda a sua complexidade e potencial formativo.

3.1 AS CARTAS DE MARYANNE WOLF AO LEITOR EM “O CÉREBRO NO MUNDO DIGITAL: OS DESAFIOS DA LEITURA NA NOSSA ERA”

Com a sensibilidade de quem reconhece o valor do afeto na literatura e o poder de proximidade da palavra, Maryanne Wolf inicia suas cartas saudando o interlocutor com um breve e direto “Caro Leitor”. Ao fazê-lo como quem se dirige a um amigo, a autora remete à vocação mais genuína do gênero epistolar: a construção de uma conversa íntima e confessional, recurso amplamente explorado pela tradição literária. Essa abordagem lembra, por exemplo, as

epístolas de São Paulo do Novo Testamento, nas quais o ensinamento doutrinário se fundia a uma solicitude pastoral e afetiva voltada às comunidades. Wolf recupera a mística dessas antigas epístolas, nas quais o ato de escrever funcionava como uma extensão da presença física e um gesto de aproximação entre pessoas. Essa escolha confere à obra um tom de partilha, transformando o texto em um espaço de acolhimento, empatia e cumplicidade entre quem escreve e quem lê.

Nessa busca por pontes invisíveis, Wolf se inspira em Rainer Maria Rilke, na obra *Cartas a um jovem poeta*, citada anteriormente. Tal como o poeta austríaco, ela sugere que a leitura e a própria vida exigem a coragem de habitar primeiramente as perguntas, que leitura e vida exigem a coragem de viver as perguntas, permitindo que o tempo, em seu ritmo, trace os caminhos para possíveis respostas. E é nesse tom filosófico e literário, que a obra *O cérebro no mundo digital* se constrói em nove cartas.

Em consonância com o percurso metodológico delineado, apresentam-se, a seguir, reflexões analíticas evidenciadas nas cartas de Wolf. O objetivo consiste em realizar uma síntese bibliográfica interpretativa capaz de articular as proposições da autora aos debates em torno da *fadiga leitora*, constructo teórico-conceitual em desenvolvimento que será objeto de aprofundamento em estudos futuros.

Cada carta apresenta um título que reflete as ideias a serem desenvolvidas por Wolf, a saber: carta 1, “A leitura, o canário da mente”; carta 2, “Debaixo do grande chapéu: uma visão não usual do cérebro leitor”; carta 3, “A leitura profunda... está em perigo?”; carta 4, “O que acontecerá com os leitores que fomos?”; carta 5, “Criar filhos numa época digital”; carta 6, “Do colo para os computadores de colo (*laptops*) nos cinco primeiros anos: não vá tão depressa”; carta 7, “A ciência e a poesia no aprendizado (e no ensino) da leitura”; carta 8, “Construindo um cérebro duplamente letrado”; e carta 9, “De volta ao livro”.

Da primeira à quarta carta, Wolf busca traçar um diagnóstico cognitivo e refletir sobre os riscos da perda da leitura profunda no adulto. As cartas de cinco a oito discutem o desafio pedagógico e o desenvolvimento do cérebro na infância, enquanto a nona encerra a obra fazendo um apelo direto, reflexivo e humanista sobre o futuro do pensamento crítico e da própria sociedade. Esta última carta se anuncia como um "retorno para casa", estimulando o leitor a reconectar-se com práticas que levem verdadeiramente a um esforço intelectual mais

denso, capaz de analisar criticamente o que se lê, sem pressa, e a sua importância para a vida em uma sociedade democrática.[1]

Na primeira carta, intitulada "A leitura, o canário da mente", Wolf começa com a tese que inspira o seu trabalho há mais de uma década: "os seres humanos não nasceram para ler", destacando que a leitura faz parte de uma construção cultural humana inerente ao *Homo sapiens*. Ou seja, o circuito leitor não é biologicamente inato, mas moldado pelo meio. Com isso, a autora estabelece a base teórica para se compreender como o excesso informacional digital pode, gradativamente, desencadear fadiga leitora e o consequente desengajamento cognitivo. "O que lemos, como lemos e por que lemos são fatores de mudanças do modo como pensamos, mudanças essas que prosseguem atualmente num ritmo mais rápido" (Wolf, 2019, p. 10).

À medida que a leitura em suportes físicos é substituída mais e mais por recursos digitais, é possível perceber mudanças relacionadas à qualidade da atenção e à profundidade com as quais lemos um texto. Esse acesso a uma avalanche informacional possui efeitos colaterais tanto cognitivos quanto culturais e sociais. Ao se acostumar com estímulos rápidos, notificações e múltiplos conteúdos simultâneos, a mente desenvolve uma tolerância baixíssima para o tédio e para a lentidão, pois está sempre movida a estímulos rápidos. O resultado é a perda da "paciência cognitiva" (carta 4): o ato de sentar e ler um texto longo e denso passa a parecer um esforço físico e mental exaustivo.

Outro ponto importante a destacar nas argumentações da autora é a falsa sensação de conhecimento, ancorada no volume de informações, a um clique, a que se pode ter acesso. Entretanto, essa ilusão de saber esconde, na realidade, a diminuição da capacidade de fazer inferências complexas e experienciais daquilo que lemos, bem como a atrofia do pensamento crítico e analítico. Esse é um dos motivos pelos quais escolas do mundo inteiro têm limitado ou proibido o uso de *smartphones* senão para fins pedagógicos, assim como têm sido cada vez mais frequentes as discussões para a restrição do uso de redes sociais por adolescentes.

É importante salientar que Wolf não adota uma postura tecnofóbica. Ao contrário, a autora reconhece os benefícios inegáveis das tecnologias digitais na democratização do acesso à informação e na estimulação de novas formas de criatividade e de imaginação. O cerne de sua

[1] Devido à limitação de páginas, não será possível detalhar a síntese bibliográfica de cada carta, visto que o conteúdo é denso e cada capítulo traz contribuições essenciais para esta pesquisa. Optou-se, portanto, por expor as ideias centrais que norteiam a obra da autora.

argumentação reside nos efeitos colaterais decorrentes do uso em excesso e sem mediação, especialmente por crianças e jovens.

Como o cérebro na infância e na adolescência encontra-se em pleno desenvolvimento e apresenta uma plasticidade acentuada, a imersão precoce e massiva em ambientes digitais molda os circuitos neurais para responderem prioritariamente à velocidade e à fragmentação. O alerta de Wolf, portanto, não é uma rejeição às telas, mas um chamado à preservação de um espaço de desaceleração que garanta a formação de estruturas cognitivas complexas antes que a capacidade de atenção profunda seja permanentemente comprometida.

A terceira carta discute a leitura profunda partindo de uma provocação: ela está em perigo? Para responder, Wolf desconstrói o ato de ler e mostra que a leitura profunda não é um processo simples, mas uma combinação de habilidades altamente sofisticadas recrutadas simultaneamente pelo cérebro. Entre elas, destaca-se a *Formação de Imagens Mentais*, ou seja, a capacidade de internalizar as palavras em representações visuais próprias, seguida pela *Empatia e Teoria da Mente*, que nos permitem compreender os sentimentos e pensamentos alheios. Há também o *Recrutamento do Conhecimento de Fundo*, em que o cérebro busca em seu próprio acervo as memórias necessárias para contextualizar e prever o texto. Por fim, o *Raciocínio Analógico e a Inferência* possibilitam ir além do escrito para deduzir informações ocultas, culminando no *Pensamento Crítico*, momento em que o leitor avalia a veracidade e o valor do que consome, recusando a passividade (Wolf, 2019). Para ela, "Quem lê cuidadosamente, consegue distinguir melhor o que é verdade e acrescentar o que sabe" (Wolf, 2019, p. 80). Algo que nos tempos atuais tem se tornado essencial tanto para que o conhecimento evolua quanto para evitar o enfraquecimento das sociedades democráticas.

Na Carta 4, Wolf alerta sobre os riscos que os adultos correm ao negligenciarem a leitura profunda, partindo de um questionamento necessário: "o que acontecerá com os leitores que fomos?". A autora explica que, mesmo quando os circuitos neurais de um adulto já estão consolidados, a falta de estímulo ao intelecto compromete a capacidade de analisar criticamente o que é consumido. Para ela,

> Quando nos afastamos por qualquer razão da complexidade intrínseca da via humana, frequentemente nos voltamos para aquilo que cabe nos limites estreitos do que já sabemos, sem nunca abalar ou testar essa base; sem nunca olhar para além das fronteiras de nosso pensamento passado, com todas as suas convicções prévias, e às vezes com seus preconceitos adormecidos, mas prestes a brotar (Wolf, 2019, p. 110).

Tudo o que lemos está conectado. Edgar Morin, ao apresentar a sua teoria do pensamento complexo, alerta que, para conhecer um fenômeno, torna-se necessário estabelecer relações entre suas partes e contextos mais amplos, o que fundamenta a sua crítica à fragmentação do conhecimento. Se Wolf alerta para os riscos cognitivos decorrentes da aceleração e da fragmentação da leitura digital, Morin oferece uma perspectiva que leva a compreender a leitura como um processo de conexão entre saberes, ressaltando que o desafio contemporâneo não está apenas no acesso à informação, mas na capacidade de contextualizá-la e integrá-la em uma visão complexa do mundo. Para Morin, o conhecimento é sempre um processo ativo de interpretação. O leitor não recebe passivamente o sentido de um texto; ele o constrói ao conectar diferentes saberes e experiências (Morin, 2000). Para Wolf, "Tudo aquilo que lemos está conectado: o leitor, o autor, o editor, o livro; em outras palavras, o presente e o futuro da leitura" (Wolf, 2019, p. 119).

Se na Carta 4, Wolf adverte sobre o declínio da paciência cognitiva e o avanço da leitura superficial em adultos, na Carta 5, intitulada "Criar filhos numa época digital", o foco de suas ideias se desloca para os desafios da infância. A autora destaca que "aprender a se concentrar é um desafio essencial, mas cada vez mais difícil, numa cultura em que a distração é onipresente" (Wolf, 2019, p. 154). Esse olhar se estende para a Carta 6, na qual ela se volta aos primeiros cinco anos de vida da criança, defendendo que a proteção contra a dispersão digital começa "no colo", por meio do afeto, das histórias contadas e da leitura compartilhada de livros físicos. Wolf (2019, p. 182) pondera que "Pode não ser coincidência: o desenvolvimento inicial do cérebro dá prioridade aos circuitos subjacentes ao sentimento, antes mesmo da cognição". Assim, as emoções e os primeiros vínculos na infância revelam-se fundamentais ao aprendizado, como ocorre, por exemplo, quando a criança é estimulada pela voz materna por meio de narrativas ou canções de ninar.

Após tratar da primeira infância na Carta 6, Wolf dedica as Cartas 7 e 8 ao período dos 5 aos 10 anos, fase em que a criança ingressa na escola e busca a fluência leitora. Na Carta 7, a autora enfatiza a necessidade de avaliações e intervenções de qualidade para subsidiar essa autonomia na leitura. Esse processo é instrumentalizado de forma prática na Carta 8, por meio de um plano de transição para o meio digital baseado na proposta do duplo letramento (ou biletramento), que integra o impresso e o digital. Segundo a pesquisadora, essa evolução deve

ocorrer mediante “investimentos no ensino da leitura ao longo dos anos de escolarização” (Wolf, 2019, p. 231).

Na Carta 9, intitulada “De volta ao livro”, Maryanne Wolf conecta todas as discussões anteriores e desenvolve a sua conclusão apoiando-se na filosofia clássica para definir o que realmente constitui um 'bom leitor' na era digital. Ela inicia divagando sobre o que significa ser um bom leitor a partir de suas experiências com livros e bibliotecas, destacando, ainda, a formação leitora na infância.

Por meio de uma linguagem dialógica direta com o seu interlocutor, a autora encoraja "apresse-se devagar":

> Eu quero que as crianças aprendam a ser capazes dessa paciência cognitiva, e peço que agora você recupere aquilo que possa ter perdido. O *festina lente* liberta das maneiras redutoras como a maioria de nós lê hoje em dia: depressa se puder, devagar se precisar. Dispor de paciência cognitiva é recuperar um ritmo de tempo que permite prestar atenção consciente e intencionalmente. Você lê depressa (*festina*) até tornar-se consciente (*lente*) dos pensamentos que cabe compreender, da beleza que cabe apreciar, das questões que cabe lembrar e, com sorte, dos *insights* que cabe revelar (Wolf, 2019, p. 227).

A sensibilidade com que Wolf conduz sua escrita reflete-se na evolução de suas saudações ao final de cada carta. Enquanto nas cartas anteriores ela encerra de forma acolhedora utilizando termos como “dedicadamente”, “sinceramente” ou “meus melhores pensamentos”, na Carta 9, a despedida ganha um tom mais filosófico: *“Festina lente*, caro e bom leitor. Volte ao livro. Boa sorte e sucesso, Maryanne” (Wolf, 2019, p. 227). Essa expressão sintetiza o ápice de sua tese. Sob essa ótica, é possível traçar um paralelo com a clássica filosofia do *carpe diem*. Para a autora, “aproveitar o dia” no ecossistema digital não se traduz em consumir informações de maneira frenética e fragmentada, mas sim em resgatar a lentidão e a paciência cognitiva necessárias para colher a profundidade da experiência humana leitora através dos livros.

4 POSSIBILIDADES PARA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DO TERMO FADIGA LEITORA A PARTIR DOS ESTUDOS DE WOLF

Embora Maryanne Wolf não empregue explicitamente a expressão "fadiga leitora" (ou fadiga cognitiva da leitura), seu arcabouço neurocientífico e humanista apresenta os fundamentos necessários para a sustentação desse conceito, aqui proposto como uma categoria teórica original, derivada tanto de *insights* em seus escritos quanto de observações

empíricas na práxis acadêmica contemporânea. No horizonte da obra *O Cérebro no Mundo Digital: Os Desafios da Leitura na Nossa Era*, esse fenômeno se consubstancia a partir de duas dimensões dialéticas e complementares: a *neurológica*, ancorada na ciência que estuda o cérebro leitor, e a *existencial-atencional*, de viés poético e fenomenológico (Wolf, 2019).

Na perspectiva neurológica, a fadiga leitora decorre do colapso metabólico e funcional do cérebro, em sua plasticidade, ao tentar processar o arsenal de estímulos existentes no ambiente digital. Forçado a operar sob o regime do escaneamento rápido e da atenção dividida, o circuito da leitura profunda (*deep reading*) é sobrecarregado, gerando um esgotamento cognitivo que inibe a consolidação da memória e a plasticidade sináptica necessária para a retenção do conhecimento de longo prazo (Wolf, 2024).

Na perspectiva existencial e atencional, a fadiga leitora transcende a exaustão biológica para se manifestar como um empobrecimento da experiência humana. É o que Wolf instiga ao trazer a dimensão lírica e filosófica do ato de ler: a perda do silêncio interior, do ócio reflexivo e da capacidade de alteridade (Lévinas, 1993). Sob essa ótica poética, a fadiga leitora representa o declínio da paciência cognitiva e o exílio do leitor de sua própria "casa interior", impossibilitando o trânsito livre entre o texto, a autodescoberta e a capacidade de aprender e de dialogar com as questões existenciais, de estímulos, experiências e da memória.

A partir dos pressupostos teóricos de Wolf (2019, 2024), propõe-se aqui um conceito de fadiga cognitiva da leitura não como um mero cansaço visual ou mental, mas como um fenômeno de saturação cognitiva e atencional decorrente dos usos excessivos do ecossistema digital. Com base na perspectiva da autora citada, a fadiga leitora pode manifestar-se em duas possibilidades: primeiro, no esgotamento da memória face ao bombardeio de estímulos das telas (Carta 4); segundo, no esforço extenuante que o cérebro precisa realizar ao tentar retomar o circuito de leitura profunda (Carta 3) em suportes que exigem muita atenção e concentração, como os textos impressos, quando este já se encontra habituado à superficialidade e à velocidade algorítmica. Trata-se, em suma, da perda da paciência cognitiva (Carta 4), em que o ato de ler deixa de ser uma via gerativa de *insights*, criatividade, imaginação e contemplação para se tornar uma tarefa intelectualmente exaustiva e mecânica.

A fadiga leitora seria o resultado do atrito cognitivo, o que ocorre quando o leitor tenta aplicar as regras de escaneamento rápido da tela (*skimming*) a textos que exigem imersão

temporal e atenção, gerando frustração, ansiedade, déficit de compreensão e, por consequência, o abandono da leitura.

Ao transferir o estudo desse fenômeno para o ambiente acadêmico, especificamente observado entre o público jovem, que frequentemente relata o esgotamento diante do volume de leituras obrigatórias, evidencia-se um tempo de crise na atenção. Observa-se que a capacidade cognitiva humana, apesar da reconhecida plasticidade cerebral, enfrenta limites diante da *hiperestimulação* do ecossistema digital, o que muitas vezes transforma a mente dos estudantes em um espaço cerebral caótico devido à sobrecarga de informação.

Zygmunt Bauman, na obra "Modernidade Líquida" (2001), argumenta que as estruturas sociais e as dinâmicas contemporâneas perderam a solidez, tornando-se fluidas, voláteis e incapazes de manter uma forma estável por muito tempo. Sob essa ótica, não se trata do desaparecimento intrínseco do "prazer do ato de ler", mas sim da existência de um cenário líquido que exige profunda reflexão sobre os desdobramentos da cultura digital.

Vale salientar que o "caos cerebral" e a fadiga leitora não constituem problemas estritamente individuais ou biológicos. Trata-se de reflexos de uma mudança estrutural na sociedade, em que a velocidade dos acontecimentos, o excesso de produção de conteúdos e a consequente dificuldade de fixação, características intrínsecas da modernidade líquida, à qual Bauman se refere, moldam a relação dos sujeitos com o conhecimento, com as formas de apropriação textual e com a leitura profunda. Tais aspectos fundamentam e são aprofundados no decorrer da pesquisa em desenvolvimento sobre a fadiga cognitiva leitora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propôs-se a articular as reflexões de Maryanne Wolf em sua obra *O cérebro no mundo digital*, acerca dos impactos da transição da cultura impressa para a digital no desenvolvimento da formação do leitor desde a infância. Ao longo deste texto, evidenciou-se que a plasticidade cerebral, embora seja uma das maiores virtudes evolutivas humanas, apresenta-se como um terreno de vulnerabilidade na era da hiperestimulação digital.

As evidências discutidas revelam que a perda da capacidade de concentração e a fragmentação da atenção não comprometem apenas a competência individual de interpretar textos complexos, mas a própria estrutura democrática e a autonomia intelectual da sociedade (Wolf, 2019). Contudo, longe de adotar uma postura tecnofóbica de negação das mídias digitais, as articulações propostas pela autora apontam para a necessidade de um biletramento de

leitura. Torna-se fundamental instrumentalizar as novas gerações para que naveguem na velocidade das telas (*skimming* e *scanning*), sem abrir mão da analogia, da inferência, do pensamento crítico, da dedução e da empatia, processos intrínsecos à leitura profunda (*deep reading*).

Por fim, ao retomar a filosofia clássica por meio do mote *festina lente* "apressa-te lentamente" e provocar uma releitura do conceito de *carpe diem*, Wolf lembra que "aproveitar o dia" no século XXI exige o direito ao silêncio, à lentidão e à contemplação, mesmo em um universo cuja dinâmica é pautada pela velocidade das interações. Esse cenário desvela implicações cognitivas, fisiológicas, afetivas e informacionais na vida dos jovens leitores. Tais desdobramentos serão apresentados nas próximas fases desta pesquisa, dada a complexidade e o laborioso processo de desenvolvimento do estudo, que culmina no aprofundamento do conceito de fadiga leitora e de suas ramificações.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**.** Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação da leitura e alteridade na educação literária. **Informação & Sociedade:** Estudos, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-18, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/57262 . Acesso em: 10 jun. 2026.

LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIMBERGER, Bernardo Kolling. O cérebro no mundo digital: Os desafios da leitura na nossa era. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 4, e37380, out./dez. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-4301.2020.4.37380. Acesso em: 02 jun. 2026.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PAILLÉ, Pierre; MUCCHIELLI, Alex. **L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales**. 5. éd. Paris: Armand Colin, 2021.

QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. **Manuel de recherche en sciences sociales**. 4. éd. Paris: Dunod, 2011.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2006. 96 p.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital:** os desafios da leitura na nossa era. Tradução Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

WOLF, Maryanne. **O cérebro leitor**. São Paulo: Contexto, 2024.